

## Sorrir de um palhaço

Huggo Iora<sup>1</sup>

Abre o semáforo, os automóveis arrancam com adulta ansiedade. Andrei transita até a calçada. Acocora-se. Conta as moedas. Ainda é pouco! pensa ele. Sempre fora dureza a vida, mas agora era ela osso de aço. Perscruta o maço... mais um cigarro pra conta, mais um prego pro caixão.

Termina de fumar e volta ao seu posto. Ante uma fila impaciente de carros faz suas graças, sua arte, seu dom. Arrisca uma mímica que, antigamente, costumava arrancar gargalhadas dos espectadores. Atravessa então o corredor, chapéu na mão. Vidros fechados. A barriga alarde, a fome não se vai com o esquecimento.

De todos os talentos Deus tinha que ter lhe dado justo o de pantomímico? E como fazer uma pantomima decente com esta máscara no rosto? Sem a boca, as expressões são órfãs. Ademais, seus olhos haviam esmorecido por completo. Já podia ser enterrado, não fosse a esperança a lhe cutucar o coração todas as noites.

Andrei para um instante. Soslaia Cida e seus malabares na sinaleira da outra rua. Ela arrecada uns trocados. A inveja lhe sobe pelas vértebras. Depois, poda-se. Cida é também artista circense, sofre igual. Acima de tudo, é companheira talentosíssima, amiga de incontáveis temporadas. Não merece, em hipótese alguma, energias negativas. Entretanto como seria divino dominar truques malabaristas. Almoçaria com mais frequência.

O sinal avermelha da cor mesma de seu nariz. Tenta outra vez — insistente brasileiro que é. Gesticula, dança suas sobranceiras maquiadas e loucas, narra com o corpo as ironias da modernidade. Uma mão precipita para fora da janela de um carro. Andrei desloca-se, burlesco, joelhos aligeirados, até o veículo. Duas moedas de dez centavos tilintam no interior de seu chapéu melancólico.

A receptividade do público nas ruas é cruel, implacável. Nada comparado à atmosfera do circo... nostalgia. Andrei desdobra o pescoço e alcança com a vista a enorme tenda erigida ao lado do shopping. A lona já opaca de cores, o letreiro quase

---

<sup>1</sup> Pseudônimo de Victor Hugo G. Pinheiro, mestrando em Biocinética na Universidade de Coimbra/FCDEF. É autor dos livros *E sem demora, versos diversos num liquidificador* (Ed. Insular, 2018) e *Balada Desafinada e outros concertos* (Ed. Autor, 2019). E-mail: huggo.iora@gmail.com

míope. Impossível lê-lo! Fuma um cigarro taciturno. Despenteia o cabelo. O sol da tarde lhe aquece os rins e o medo.

Antes de pôr os pés novamente no asfalto, pega de sua mochila o espelhinho. Olha-se. Não parece um palhaço, nem gente tampouco. Está mais para um vulto; ou desperdício. Retira o nariz vermelho, a máscara descartável que vem usando há três dias seguidos. Teme coisas outras, porém não contrair o Coronavírus. Respira fundo, num desafogar súbito. Pensa em realçar a maquiagem dos olhos. Desiste.

Cruza por Andrei, em velocidade reduzida, uma portentosa camionete preta. O condutor encara-o e berra, “vai trabalhar, vagabundo de merda!”. E dispara, rindo. Trabalhar? Mas há trabalho mais digno do que o de levar ao paladar da alma o gosto doce do sorriso? Andrei, contudo, descobre-se contente. Ao menos fizera alguém rir, e isto lhe era o céu após tanto tempo de caras nubladas.

Começa a anoitecer, acendem-se os postes, os faróis baixos são ligados por motoristas quase apagados. Despenca o frio sobre os ombros arquejados dos mendigos. E Andrei, embora jamais houvesse interpretado tal papel, era agora um legítimo *tramp*. Maltrapilho, com as roupas malcheirosas cobrindo-lhe a carne, encaminha-se para debaixo do semáforo: última cartada do dia.

Seu número, assim como os demais, surte efeito nenhum. Os carros se mantêm imóveis. Também as pessoas, blindadas de álcool-gel. Percebe nelas máscaras de tecido liso, máscaras de tecido estampado, máscaras cirúrgicas, máscaras sociais... máscaras! Queda o queixo contra o peito. Derrotado, enfim.

Ao procurar por Cida, Andrei sente uma pancada absurda no cotovelo esquerdo, cuja mobilidade se esvai na hora. Vê dependurado o retrovisor de um Peugeot 206, que prossegue indiferente. Exausto de interpretar, grita, xinga e chora. Chora da dor física, das cicatrizes do agora. Contudo, é a humilhação que parece lhe esmagar cada célula.

Andrei recolhe-se, diminuído, na calçada noturna. Enxuga o pranto com o braço bom. Tristeza não tem espaço nas veias dum palhaço! Ergue o corpo e a cabeça, enxerga mais uma vez o circo interdito pela pandemia. Relembra dos momentos áureos, da ressonância dos aplausos, das pipocas nas bocas, das famílias. E sorri, enquanto crianças da favela Navegantes inventam palhaçadas como distração e os palhaços do poder assinam nova PEC no Palácio do Planalto.